

## **A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM SITUAÇÃO DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE: PARA QUE ESTUDAR HISTÓRIA?**

*Jacqueline de Sousa Alves  
Ercília Maria Braga de Olinda*

O presente artigo resultou de uma pesquisa qualitativa, com a utilização da estratégia de estudo de caso (BOGDAN e BIKLEN, 1994), realizada no segundo semestre de 2012 no Centro Educacional Patativa do Assaré (CEPA), instituição de internação para cumprimento de medida socioeducativa para adolescentes de 17 anos. Relatamos e fazemos uma reflexão sobre a práxis pedagógica da primeira autora no segmento I da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A referida pesquisa teve como tema o ensino de História e seu significado para os adolescentes.

A EJA é uma modalidade de ensino regulamentada para atender aos indivíduos que não tiveram a oportunidade de se inserir ou permanecer na escola. Em diferentes ambientes e vivências, procura contribuir para a formação de Jovens e Adultos como sujeitos da história. Estando presente em diferentes espaços, a EJA volta-se para um conjunto amplo e heterogêneo de jovens e adultos oriundos de diferentes classes sociais. Tal diversidade é fundamental por garantir o acesso à elaboração de saberes e reconstrução de saberes que contribuam para a humanização e emancipação dos adolescentes que se encontram privados de liberdade

O Brasil possui uma parcela considerável de jovens que vivenciam as consequências da exclusão e da desigualdade. Os educadores que militam na Educação de Jovens e Adultos, respeitam e promovem a diversidade na mesma proporção em que afirmam a igualdade de todos como sujeitos de di-

reitos. Esta é uma forma de confronto com uma maneira de pensar que está se alastrando: que uns têm mais prioridade que outros e que não se deve investir na EJA. Entendemos que uma das formas de enfrentamento das desigualdades é afirmar o direito à educação de todos, independentemente de idade ou qualquer outra condição.

Vemos na metodologia decorrente das concepções freireanas uma possibilidade para uma atuação crítico-libertadora, sobretudo porque ele aponta para o caminho da problematização e das relações afetivas e investigativas na relação pedagógica, enfatizando que o diálogo é o fundamento da práxis educativa. Quando Paulo Freire propõe uma prática pedagógica problematizadora, questionadora, investigadora e que tenha relação com a realidade vivida pelos sujeitos, está indicando o diálogo como ponto fundamental, isto é, para uma educação na qual haja participação e respeito pelos sujeitos que dela participam. É desta forma que se propõe partir da realidade local, para em seguida ampliar conceitos e compreensões que ajudem os adolescentes a avançar na afirmação de ideias e projetos superadores das condições de desigualdades enfrentadas. Tal educação vê os adolescentes como sujeitos históricos, com “vocação ontológica para ser mais” (FREIRE, 2005), responsáveis pela construção de conhecimento, acreditando numa proposta de sociedade com valores humanos, que contemple a solidariedade entre as pessoas, o respeito às diferenças e diversidades culturais.

Acreditamos ser possível ressignificar os conteúdos do ensino da História, bem como seus métodos, a partir da ação-reflexão-ação em que se privilegiam as narrativas de vida dos adolescentes, com suas contradições, interrogações e sonhos. A História é uma ciência formativa, emancipadora e libertadora por excelência desde que tenha significado para a vida





das pessoas. Esta potencialidade nem sempre é identificada pelos adolescentes que já trazem da escola regular uma visão equivocada sobre os conteúdos veiculados nesta disciplina.

Nossa intenção foi colaborar para o aprimoramento da prática pedagógica desenvolvida no cotidiano de uma instituição que vive a contradição de educar, ao mesmo tempo em que aplica medida corretiva em face de infrações graves, de acordo com determinação judicial. Desta expectativa surgiram as questões orientadoras da investigação, a saber: quais os significados dos conteúdos veiculados no cotidiano na Educação de Jovens e Adultos (EJA) para os socioeducandos? Em que medida os temas adotados no ensino de História correspondem às necessidades formativas dos adolescentes? Como os estudantes veem esta disciplina escolar? Qual o efeito, para a participação nas aulas, de uma metodologia que privilegia a dimensão experiencial?

A História tem um papel central na formação, por possibilitar a construção de identidades, a elucidação do vivido, a intervenção social e a práxis individual e coletiva (BRASIL, 1996). Trata-se de uma disciplina reflexiva por excelência, propiciando aprendizagens significativas que favoreçam o desenvolvimento da cidadania e a construção de uma sociedade com princípios democráticos. É forçoso reconhecer que este fim ainda não tomou corpo no espaço/tempo escolar no contexto da medida socioeducativa de internação.

Ao iniciar as reflexões para a elaboração do projeto de pesquisa do qual originou-se este artigo, a primeira autora dizia

Ao ministrar os conteúdos em sala de aula observo o desinteresse e a pequena participação dos educandos. Fico angustiada, pois procuro trabalhar várias atividades na tentativa de envolvê-los nos conteúdos apresentados. Utilizo diferentes metodologias que buscam se adaptar à vida social, cultural e econômica desses adolescentes

na perspectiva de desenvolver as aptidões de aprendizado da História. A minha prática pedagógica sempre esteve baseada nos saberes e conhecimentos prévios de mundo dos educandos. Valorizo a dialogicidade nos conteúdos selecionados, na perspectiva de reflexão, viabilizando a emancipação e a autonomia dos educandos, de acordo com a visão do educador Paulo Freire. Com o fundamento dialógico, busco utilizar o vasto leque da disciplina de História para contribuir com o aprendizado dos adolescentes com dificuldade de socialização, no entanto, as dificuldades persistem.

Caberia perguntar sobre os motivos mais profundos para a falta de interesse e de participação dos adolescentes. Como envolvê-los? Como mostrar a importância dos conteúdos da História nas suas vidas? É possível garantir o interesse nas condições em que eles estudam? A última questão está na base de tudo.

Podemos afirmar que vivemos ainda uma conjuntura de crise na História, mas as diversas propostas de ensino e práticas docentes de caráter inovador têm ajudado a viabilizar outras concepções pedagógicas, comprometidas com a libertação e a emancipação do homem. A disciplina História tem ressurgido das cinzas, pois no período da ditadura militar pensaram em calá-la ou domesticá-la. Porém hoje está mais fortalecida do que nunca. Para conhecer as orientações oficiais sobre esta disciplina, trazemos aqui os objetivos do ensino de História, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997):

Fazer com que os educandos reflitam sobre a presença da História no currículo e debatam a contribuição do estudo da História na formação dos educandos. Esta proposição vem fundamentar a proposta de desenvolver, através de atividades, novas estratégias, de desempenho que visam novas possibilidades para o ensino da história; desenvolver o conhecimento ajustado de si



mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades efetiva, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança.

O ensino de História propõe-se a trabalhar conteúdos e situações de aprendizagem que possibilitem aos educandos refletir criticamente sobre as convivências e as obras humanas, ultrapassando explicações organizadas a partir unicamente de informações obtidas no presente e a partir de dados parciais. Na perspectiva que os educandos conheçam e debatam as contradições, os conflitos, as permanências, as diferenças e as semelhanças existentes no interior das coletividades e, entre elas, considerando que estão organizadas a partir de uma multiplicidade de sujeitos, grupos, e classes com alguns interesses comuns e outros diferentes, dentro dos acontecimentos econômicos, políticos, culturais, sociais, filosóficos de legados históricos contínuos e descontínuos no tempo.

Na perspectiva de um trabalho pedagógico em sala de aula, que promova o desenvolvimento do processo de compreensão e as habilidades dos educandos, o ensino de História deve estar voltado para a discussão e compreensão do momento histórico em que vive o educando no presente, utilizando o passado para perceber como cada sociedade pensou os diversos temas que podem ser abordados em uma aula de História.

Segundo Freire (2003, p.4):

A base de qualquer teoria e a chave do conhecimento, encontra-se na experiência pessoal e na capacidade de aprendermos a partir de impressões retiradas do universo vivido.

Portanto, para o educador pernambucano, a educação é concebida como reflexão sobre a realidade existencial. Articulada com essa realidade nas causas mais profundas dos acontecimentos vividos, procurando inserir sempre os fatos

particulares na globalidade das ocorrências da situação vivida. Seguindo esta linha de raciocínio, teríamos que redimensionar o ensino de História de modo a que os sujeitos em formação se vejam nos acontecimentos a partir da interpretação dos fatos que ocorrem na sua vida hoje como, de algum modo, resultante de um processo construído historicamente.

Como alerta Freire, a história não é um destino previamente determinado e ser gente, implica em fazer escolhas com base em critérios prévios. Como seres humanos inacabados estamos em permanente processo de autoconstruções. Todos têm condições de assumir o leme de suas vidas, tornando-se sujeito de sua própria história. Será que esta é uma lição fundamental, a partir do qual deveríamos repensar o ensino de História?

As formulações libertadoras da Pedagogia do Oprimido/da autonomia/da indignação/da esperança de Freire, colocam o sujeito e sua história no centro, mostrando-nos que a trajetória de vida de cada um pode ser repertório para problematizações a serem realizados em sala de aula. Aprender com sua própria história; aprender com a história do(s) outros(s) e com a globalidade das coisas, dos eventos e das relações.

### **Atividades Realizadas em Sala de Aula: em Busca de um Ensino Significativo**

O primeiro relato corresponde ao conteúdo: A História de Fortaleza, ministrada no dia 13 de abril de 2012 na sala IV da EJA, no turno da manhã, tendo a participação de oito adolescentes. A aula tinha os seguintes objetivos: valorizar e conhecer os pontos turísticos da nossa cidade; relacionar aspectos do desenvolvimento cultural e social de Fortaleza.

A aula foi iniciada com uma acolhida e, em seguida, foi feita a leitura compartilhada, de um texto reflexivo de Mário



Quintana: *A Idade de ser feliz*. Através de uma conversa informal foram abordados os seguintes aspectos: motivação e afetividade. Nesse momento observou-se um silêncio em sala e os adolescentes ficaram pensativos, mas somente dois deles expressaram suas impressões sobre o significado do assunto abordado. Dentre os comentários expostos por um educando foi relatada a falta que sente de alguém da família, principalmente do filho e da sua companheira, bem como o reconhecimento da fraqueza de ter se envolvido novamente com atos infracionais, motivo pelo qual retornou à unidade de internação. O outro adolescente expressou desejo de mudança, possibilidade de recomeçar uma vida nova, embora saiba que neste percurso muitas dificuldades irá encontrar.

No momento seguinte da aula, foi realizada uma abordagem histórica sobre a cidade de Fortaleza, destacando os seguintes aspectos: a idade da cidade; seu fundador oficial; a data de sua fundação; os primeiros nomes dados à cidade e os principais pontos turísticos. Depois, através de imagens, os jovens foram convidados a “um passeio” por Fortaleza, comentando-se sobre os principais pontos turísticos. Todos os adolescentes olharam as imagens com bastante atenção, e fizeram perguntas relacionadas aos documentos históricos. Os adolescentes já conheciam a maioria dos locais de Fortaleza apresentados, mas desconheciam o seu valor histórico.

No decorrer da aula vários foram os comentários. Um dos adolescentes falou sobre a profissão de seu pai, vendedor ambulante na avenida Beira-Mar. Outro comentou sobre um dos seus atos infracionais – furto – cometido na praça do Ferreira, quando se encontrava desesperado para consumir drogas. Enquanto os demais do grupo observavam a imagem da Catedral Metropolitana de Fortaleza, admirando-se do longo tempo de duração para sua construção.

Outro ambiente comentado foi o Passeio Público, com sua divisão em classes sociais, em tempos passados; sua transformação que reflete contemplação de sua arquitetura original, resistente ao tempo em sua conservação e a beleza de sua jardinagem. Continuando, foi apresentado o mapa de Fortaleza para que cada um dos educandos identificasse a localização de seu bairro e conhecesse os bairros adjacentes. Surgiram alguns comentários: um dos jovens lembrou-se do campo de futebol onde todas as tardes jogava bola com seus amigos. O outro relatou sobre as péssimas condições do bairro onde reside, como a falta de saneamento básico.

Conforme os PCN (1997, p.29) de História, nesse propósito, abordando fotos e memórias de nossa cidade, proporcionamos aos educandos:

gestionar sua realidade, identificando alguns de seus problemas e refletir sobre algumas possíveis soluções, reconhecendo formas de atuações políticas institucionais e organizações coletivas da sociedade civil.

A partir desta aula apresentada, é possível encetar as seguintes observações: houve um resgate na memória dos adolescentes, em que os mesmos perceberam que eles fazem parte da história. Houve participação e interesse, pois este conteúdo estava contextualizado com o conhecimento de mundo dos socioeducandos. A dificuldade encontrada foi mediante os diálogos com os adolescentes. Observamos uma repetição de ações negativas em seus comentários, como se suas leituras de mundo fossem restritas somente aos seus atos infracionais. Mais uma vez nos aportamos nos PCN:

conhecer e respeitar o modo de vida de diferentes grupos sociais, em diversos tempos e espaços em suas manifestações culturais, econômicas, políticas e sociais, reconhecendo semelhanças e diferenças entre eles (p.32).

Percebemos, ao trazer elementos biográficos de cada um e dos grupos para o cotidiano da sala de aula, que há maior



expressividade e participação. As narrativas de si evocam experiências difíceis, mas que precisam ser trazidos ao patamar da reflexividade crítica, evitando-se autoculpabilização e julgamentos externos. A narrativa de si é um momento interpretativo que pode lançar luzes para a elaboração de uma figura pública de si, possibilitando interações e vislumbres de novas formas de ser, pensar e estar no mundo. Claro está, que a reflexão sobre as referências formadoras expressas nas falas ainda são pontuais e precisam ter continuidade, aprofundando-se.

O segundo relato corresponde ao conteúdo: A história do Folclore Cearense, aula ministrada no dia 22 de agosto de 2012, na sala IV da EJA, no turno da tarde, com a participação de dez adolescentes. A aula tinha os seguintes objetivos: valorizar a riqueza cultural do nosso estado; conhecer os aspectos importantes do Folclore Cearense.

Desta vez a acolhida foi desenvolvida com a leitura do texto *A Convivência*, de Assis Almeida. Através de uma conversa coletiva, os seguintes aspectos foram abordados: respeito, verdade e amor ao próximo. Houve um momento de silêncio, assim como na aula anterior, o que demonstra a atitude reflexiva por parte dos socioeducandos e uma certa timidez, pois não estão acostumados a serem solicitados ao exercício da fala no espaço escolar. Todos adolescentes ficaram pensativos, quando em voz alta, um jovem fez o seguinte comentário: “todos os seres humanos, temos coisas boas e ruins, que vemos seguir o caminho certo. Às vezes o sofrimento é a busca para encontrar esse caminho”. O silêncio da maioria lembrou uma elaboração na *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire, em que ele mostra as raízes opressivas e a instituição da “cultura do silêncio”, instalada e consolidada na educação bancária. Como superar esta cultura? Como instituir a cultura da participação e da pronúncia da palavra que emancipa? Estas são re-





flexões que precisam ser aprofundadas e que deveriam nortear as diretrizes curriculares em todas as áreas do conhecimento.

Em seguida foi realizada uma abordagem sobre os seguintes aspectos: significado e origem da palavra folclore; conceito de folclore; data de comemoração/ criação no Brasil e manifestações folclóricas.

Foi desenvolvida uma breve apresentação da cultura popular, iniciando pelo exemplo do “trava-línguas”. Quatro adolescentes fizeram uma leitura silenciosa dos “trava-línguas” e depois, em voz alta. Neste instante houve um momento de descontração e alegria, em que todos, inclusive a professora, gargalharam, em virtude da dificuldade nas pronúncias. A alegria é um dos saberes necessários ao fazer docente, conforme propõe Freire na *Pedagogia da Autonomia*.

Completando o momento de descontração, realizou-se um sorteio de adivinhações, em que todos participaram com muita integração. Depois os adolescentes foram convidados a brincar de “escravo de Jó”, usando-se como recurso pedagógico, tampas de garrafas PET. A princípio alguns educandos ficaram receosos em participar da brincadeira, pois consideravam que aquela era uma atividade para crianças. Mas logo todos participaram, sorrindo com os erros cometidos e vibrando com os acertos obtidos. Naquele momento um adolescente fez uma observação interessante:

*[...] professora esta brincadeira de Jó parece com a vida do nego! Precisa nós errar, para aprender o certo! (Adolescente 2). Então um silêncio pairou no ar! A professora esperou que ele terminasse sua fala, e logo outro adolescente completou: “[...] o ruim é quando o nego não consegue sair do erro! Né cara? Aí então é burrice! (Adolescente 7).*

A partir dos eventos desta aula fazemos as seguintes observações: em uma simples brincadeira de roda os educandos



fizeram a associação com suas vidas, fazendo uma leitura crítica da suas realidades. Percebe-se a importância da atividade em grupo, que cria oportunidades para a troca de ideias e de informações.

Outro aspecto observado foi a importância da atitude do educador frente aos depoimentos. Não podemos repetir a atitude moralista e de julgamento sumário a que eles estão habituados. Devemos acolher e problematizar, ao invés de refutar. Devemos respeitar, inclusive, o silêncio, pois sabemos que em pensamento eles estão fazendo reelaborações e articulando conceitos.

A dificuldade encontrada foi a mudança na metodologia saindo do método tradicional para o lúdico. A ludicidade deve estar presente, não somente no processo de ensino e aprendizagem com crianças, afinal como seres multidimensionais, mantemos o *homo ludens* em nós. Mesmo na EJA, a ludicidade é de extrema importância. As atividades devem ser diversificadas dentro de cada conteúdo, ajustadas de acordo com as necessidades dos educandos. Quando realizamos atividades lúdicas conseguimos nos aproximar dos educandos. Desta forma, podemos acompanhar de perto o processo de aprendizagem, conhecendo as características sociais, culturais e psicológicas, além de ter a possibilidade de poder intervir no ato educativo com contribuições pertinentes às peculiaridades individuais.

### **A Disciplina Histórica na Ótica dos Socioeducandos**

Conforme entrevista com os socioeducandos do Centro Educacional Patativa do Assaré (CEPA), realizada em 11 de outubro, sobre a importância da disciplina de História, os relatos colhidos demonstram que a História tem significados na vida desses jovens. Vejamos algumas falas:



[...] Os assuntos que estudamos na sala de aula, todos são importantes, inclusive os conteúdos de História. A forma como nós aprendemos é boa, mas a melhor forma de estudar história é através de vídeo, fotos, teatro, palestra, artes. O livro é bom, mas deixa a gente com sono e um pouco parado. (Adolescente 2).

O relato demonstra a inadequação dos recursos didáticos utilizados no cotidiano. Dadas as condições estruturais do Centro, não temos opções para diversificação das atividades, nem possibilidade de realização de vídeosdebates, muito menos de deslocamentos aos espaços externos. Sabemos que os adolescentes que ali estão não se adaptaram à escola regular, mas mesmo assim, oferecemos um tipo de educação escolar limitada e idêntica a esta.

Outro adolescente lembrou da necessidade do uso das linguagens artísticas como forma de vivenciar um ensino de História mais vivo e agradável:

[...] Com teatro a gente pode dramatizar uma peça de uma história passada (pode ser o Lampião) e comparar com o momento que estamos vivendo. A história faz a gente pensar, voltar ao passado, e resgatar essa cultura que nós não vivemos. Pode ser através do vídeo, do filme, da fotografia ou da própria leitura histórica. (Adolescente 4).

Almeida (1996, p.95) mostra que os estudos no campo da Psicologia a partir do século IX, trouxeram novas possibilidades para a educação escolar, ao jogarem luzes sobre a complexa psique humana, sobretudo nas pesquisas nas áreas da inteligência e da linguagem, mas que “foram sobretudo as descobertas no campo da criatividade de que mais influenciara a absorção da atividade dramática pelo currículo escolar”. A autora, baseando-se em Vigotsky, apresenta o teatro como um jogo cuja matéria-prima é o faz de conta:



o jogo ao qual nos referimos em nosso trabalho caracteriza-se pela dramatização, ou seja uma atividade que se desenvolve através da representação de papéis, entre os jogadores. Quando se diz que alguém está fazendo teatro deve-se pensar basicamente em dois tipos de jogos: o jogo dramático e o jogo teatral (ALMEIDA, 2012, p.98).

Seria muito rico trabalhar com esses tipos de jogos nos Centros Educacionais de Medidas Socioeducativas. O primeiro tipo de jogo remete ao faz de conta e o segundo às normas previamente determinadas. No entanto, para fazer um adequado uso pedagógico do teatro, precisaríamos de formação para tanto, pois esta dimensão foi excluída da formação da maioria dos licenciados.

Além disso, a História se caracteriza na vida desses jovens como um processo em que eles são desafiados pelo seu momento atual, como diz Freire (2005, p.31), “descobrem que pouco sabem de si, de seu posto no cosmos, e se instalarem na quase trágica descoberta, os seu pouco saber de si, se fazem problemas a eles mesmos”. O incentivo à pesquisa de obras clássicas e contemporâneas da literatura brasileira e internacional pode ser considerado um exemplo de instrumento que possibilite a esses jovens privados de liberdade, o gosto pela História e pela leitura, a criatividade e criticidade, ampliando, assim, seus universos culturais e suas compreensões de mundo.

Os gêneros textuais são considerados importantes recursos pedagógicos. Trabalhar com uma diversidade de textos é fundamental para enriquecer os conhecimentos, instiga o desejo de realizar produções textuais próprias, desenvolver a competência discursiva e ampliar a capacidade de produzir e interpretar os vários tipos de textos. Nenhum texto é escrito de modo neutro, e somente quando interpretamos, entendemos a forma de verificar diferentes pontos de vista, desenvolvendo o senso crítico desses adolescentes. Mesmo reconhecendo no discurso o valor da leitura, esta é negligenciada na



unidade de internação a que nos referimos, pois, sequer tem uma biblioteca e, muito menos, sala de leitura. A biblioteca é um local onde se estimula a circulação de informações, se expande interesses e horizontes de mundo, descobrindo múltiplas formas de leitura pela concentração nos assuntos de interesse. A biblioteca é o *locus* privilegiado para o cultivo pessoal e coletivo do gosto pela leitura.

O ensino de História quando desenvolvido por temas geradores, traz um repertório de assuntos relacionados com os aspectos geográficos, demográficos e culturais referentes à origem dos sujeitos e de suas famílias, desvelando relações econômicas e sociopolíticas do universo vivencial juvenil. Estes temas apontam a necessidade de discussões sobre a dignidade do ser humano, a igualdade de direitos, a recusa de formas de discriminação e a importância da solidariedade e do respeito. Para o adolescente 8:

*a História é importante porque ela faz parte da nossa vida e nós fazemos parte dela. Como quando escuto história de escravos e entendo que na vida sempre tem gente querendo o mal dos outros e gente sofrendo pela pobreza.*

No CEPA existe uma aceitação razoável dos jovens pelas aulas de História. Mesmo com condições pedagógicas adversas busca-se proporcionar aos adolescentes um ensino reflexivo, motivando-os a identificarem situações de desigualdade e discriminação com que se defrontam no cotidiano, possibilitando uma leitura crítica coletiva e individual, das dificuldades vivenciadas ao longo da vida.

### **Considerações Finais**

As aprendizagens que os socioeducandos realizam na disciplina de História serão significativas à medida que eles





consigam estabelecer relações entre os conteúdos ensinados e os conhecimentos previamente construídos por eles, pois esses conhecimentos gerados no estudo da História têm um papel determinante na expectativa que os alunos têm da escola, do professor e de si mesmos como alguém capaz, alguém que possa ser chamado de cidadão crítico, autônomo e atuante, alguém que busca saberes prévios, encontra sentido e significados para o aprendizado do ensino de História e que reconhece que construir o conhecimento de História não se faz contra os outros, e sim com os outros.

O processo de ensino e aprendizagem em História amplia o diálogo com outras áreas do conhecimento e com outras manifestações da experiência humana, o que pode abrir janelas para se olhar a vida por prismas não deterministas, positivos e esperançosos.

No contato direto com os adolescentes em situação de privação de liberdade, observamos a falta de motivação e de perspectiva de vida. Refletindo sobre tais fenômenos, buscamos apoio em William Damon que tem estudado a importância da construção de projetos vitais no desenvolvimento dos jovens na sociedade contemporânea. Segundo ele (2009, p.13) “o fator mais importante da condição humana é o projeto de vida que inspira e dirige todos os nossos atos”. Esta afirmação provoca reflexões sobre a responsabilidade dos pais e dos educadores para conseguir motivar e orientar esses adolescentes. Com base no conceito de projeto vital como “uma intenção estável e generalizada de alcançar algo que é ao mesmo tempo significativo para o eu e gera consequências no mundo além do eu” (DAMON,2009,p.53), defendemos que toda a educação dos jovens, privados ou não de liberdade, mas principalmente para os últimos, volte-se para a consolidação de intenções que afirmem a vida e que propiciem a elaboração de projeto vitais, trazendo sentido para a vida.



## Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Adriana et al. *Relação museu/escola: realidade e perspectivas. Perspectiva do ensino da história (2º encontro)*. São Paulo: FE/USP-CNPq, 1996.
- BEZERRA, Holien Gonçalves. *Ensino de história: conteúdos e conceitos básicos*. In: KARNAL, Leandro. *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2008.
- BOGDAN, R. & BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto Editora, 1994.
- DAMON, William. *O que o jovem quer da vida? como pais e professores podem orientar e motivar os adolescentes*. São Paulo: Summus, 2009.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais de História. Ensino Fundamental*. Brasília: MEC, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Diretrizes nacionais de educação de jovens e adultos (EJA)*. Brasília, Lei nº 4/2010, aprovada em 9 de março de 2010.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Lei de diretrizes e bases da educação nacional*. MEC, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Criança e do Adolescente/ CONANDA, 2006.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2005.

